

Dewey e Lewis: a noção de crescimento e o valor da experiência literária para crianças

José Claudio Matos, Dr.¹

Clarice Fortkamp Caldin, Dra.²

Eliana Maria dos Santos Bahia Jacintho, Dra.³

Resumo: O artigo discute o tema dos fundamentos da crítica da literatura infantil, a partir do pensamento de C. S. Lewis. Destaca a ideia de *crescimento*, utilizada por Lewis para dar base à sua crítica. Identifica a necessidade de fundamentação teórica para as iniciativas de pesquisa e promoção da leitura no campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Recorre à teoria do crescimento de John Dewey a fim de propor a substituição das noções de “criança” e “infância” pela de “imaturidade”, na discussão especializada acerca da leitura literária infantil. Relaciona as ideias de Lewis e Dewey a respeito do crescimento e aponta para o potencial da leitura literária em integrar as diversas modalidades da experiência, promovendo o crescimento da experiência compartilhada.

Palavras-chave: C. S. Lewis, John Dewey, literatura infantil, crescimento, biblioteca.

1 INTRODUÇÃO

O tema da leitura vem sendo considerado com grande atenção pelos estudiosos no campo da biblioteconomia e ciência da informação (BCI). Programas de incentivo à leitura são objeto de diversas discussões neste campo, e muitos problemas formulados a partir deste tema mais amplo e geral recebem tratamento científico nas produções da área. Entre tais problemas, aqueles relacionados com a literatura infantil, as condições de sua leitura e seus leitores chamam atenção por sua fertilidade e complexidade.

Existe uma expectativa formativa envolvida na leitura literária do público infantil que origina um cuidado especial, por parte dos especialistas, das instituições escolares e das bibliotecas, de forma a estimular e bem orientar as leituras literárias das crianças. Espera-se que a leitura literária componha, juntamente com outras experiências, a formação educacional desejada para as crianças e jovens. Por esta razão, aliada a outras de interesse profissional e

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo - USP, Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, professor da UDESC. E-mail: doutortodd@gmail.com.

² Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, professora do PGCIN/UFSC. E-mail: claricefcaldin@hotmail.com.

³ Doutora em Ciência da Informação pela Universidad Carlos III – Madrid, professora do PGCIN/UFSC. E-mail: elianambahia@gmail.com.

teórico, o campo da BCI apresenta uma corrente de pesquisas atinentes ao tema da leitura e literatura infantil.

Deve-se admitir como ponto de partida que qualquer iniciativa - profissional ou acadêmica - em relação à leitura literária infantil precisa se basear numa concepção relativamente segura sobre a categoria “literatura infantil” e sobre o critério de julgamento do valor relativo de uma obra - ou uma experiência de leitura de certa obra – dentro desta categoria. Sem uma concepção da literatura infantil e sem um critério mínimo de apreciação crítica, as pesquisas e as iniciativas institucionais de estímulo e acesso à leitura literária infantil não podem cumprir adequadamente seu papel.

Este artigo persegue o objetivo de refletir sobre a questão dos fundamentos da crítica da literatura infantil, especificamente quanto ao conceito de *crescimento*. Para isso, estabelece diálogo com o escritor e crítico literário C. S. Lewis que, em sua obra *Sobre Histórias* (2018), responde, segundo a interpretação defendida aqui, aos problemas da natureza e da crítica da literatura infantil de forma bastante original e bem argumentada. Interessante é que Lewis assume seu ponto de vista de autor de contos de fadas, ao mesmo tempo em que manifesta uma profunda erudição e compreensão daquilo que está envolvido na escrita e na leitura da literatura comumente oferecida às crianças e jovens.

O procedimento metodológico aqui adotado consiste na interpretação crítica do discurso de Lewis, a fim de extrair elementos de uma noção de crescimento. Em seguida, o estudo pretende contrastar esta noção com a teoria do crescimento presente no pensamento de John Dewey, tendo especial consideração pela ideia de imaturidade, como condição de crescimento. Uma pesquisa bibliográfica fornece o panorama de comentários e da contextualização necessária aos objetivos do estudo. Deve-se reconhecer o caráter ensaístico do artigo, assim como a natureza reflexiva da discussão e de suas conclusões.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Em seu artigo “A função social da leitura da literatura infantil”, Caldin (2003) reconhece a função social da leitura literária e indica as exigências para a promoção de uma atitude reflexiva e crítica nos leitores, por parte da biblioteca escolar. O artigo se baseia no pressuposto de que “a leitura, enquanto oportunidade de enriquecimento e experiência é primordial na formação do indivíduo e do cidadão” (CALDIN, 2003, p. 56). A autora reconhece que a qualidade literária ou estética não pode ser negligenciada em função dos interesses ideológicos de que a leitura infantil é investida pelos adultos. Caldin reconhece o

papel do bibliotecário escolar no processo de incentivar e estimular a leitura literária. Afirma a autora:

O bibliotecário de biblioteca escolar, que, entre outras, acumula as funções de educador e disseminador da leitura, deve preocupar-se com a quantidade de dogmatismo presente na literatura infantil para, na ocasião de montar ou atualizar seu acervo de obras literárias, realizar uma seleção que propicie à criança textos de qualidade, que seduzam para o exercício da reflexão, textos questionadores, conquanto lúdicos (CALDIN, 2003, p. p. 54).

Observe-se a ênfase da autora na garantia do exercício da reflexão. O uso deste termo não é fortuito: antes, expressa a intenção ou objetivo geral de formar pessoas reflexivas, capazes de conduzir seus processos de pensamento nos moldes de uma investigação, ou exame dos conceitos e afirmações encontrados na leitura. No contexto desta discussão, as iniciativas de promoção da leitura dependem em grande medida de uma fundamentação crítica, para guiar suas ações.

No artigo “Breve histórico da literatura infantil brasileira”, D’Ávila e Caldin (2019) discutem a evolução desta produção no país, considerando a evolução da sociedade, do mercado editorial e das concepções sobre a infância, assim como a natureza da literatura. Afirmam elas:

Passam a ter pauta na literatura infantil contemporânea, o respeito a diferenças culturais e étnicas, questões de gênero, diversidade, inclusão e deficiência, empoderamento feminino, e tudo isso sem perder a essência da literatura infantil, a leveza, a descontração ao tratar de assuntos polêmicos e sérios e de certa forma reforçar valores culturais necessários ao período em que se vive (D’ÁVILA; CALDIN, 2019, p. 255).

As autoras reconhecem a relação da leitura literária infantil com o ambiente escolar e a biblioteca. Ao fazer o registro do desenvolvimento deste segmento literário no Brasil, reconhecem a permanente demanda por um tipo de literatura que preserve a experiência estética sem perder contato com os temas de seu tempo.

O risco que alguns tratamentos do assunto costumam sofrer é cair em uma espécie de pedagogismo que prescreve qualidades educacionais ou edificantes, descuidando a qualidade da experiência estética, desconsiderando o tipo específico de leitor. Coelho, em sua obra *Literatura infantil: teoria, análise, didática* (2000) chama a atenção para o fato de que os estudos de literatura infantil comumente se traduzem em interesse por tratar de outros problemas, próprios da agenda da pedagogia ou de ciências humanas, como o preconceito, a violência, a luta de classes.

Coelho denuncia que, entre os estudiosos da literatura infantil, parece que “nenhum desses profissionais está interessado na literatura enquanto *fenômeno literário*, mas enquanto *veículo de ideias* ou *padrões de comportamento*” (COELHO, 2000, p. 58, grifo da autora). O caráter próprio da leitura literária, na qual a experiência estética dá sentido ao texto, precisa ser resgatado, conforme a autora, sob o risco da leitura ceder ao interesse de instrução ou moralização do leitor infantil. Ela afirma:

Nesse sentido, ao ser ligada, de maneira radical, a problemas sociais, étnicos, econômicos e políticos de tal gravidade, a literatura infantil e juvenil perde suas características de *literariedade* para ser tratada como simples meio de transmitir valores (COELHO, 2000, p. 58).

A autora acrescenta que “há um sério esforço para a descoberta de novos processos de leitura crítica” (COELHO, 2000, p. 59). Esta afirmação é indicativa da demanda por uma discussão dos fundamentos da crítica da literatura infantil, em seus próprios termos. Levando em conta esta afirmação, se pode supor que a presente reflexão participa deste esforço, ao procurar extrair conclusões sobre os fundamentos a partir dos quais se pode guiar iniciativas relacionadas à leitura literária infantil.

No capítulo 4 de sua obra, intitulado “Sobre três modos de escrever para crianças”, Lewis defende uma fundamentação para a apreciação crítica da literatura fantástica e “até mesmo da literatura em geral” (LEWIS, 2018, p. 74). O autor alude às críticas feitas contra a nostalgia representada pela fantasia e pelos contos de fadas e a acusações sobre a fuga da realidade e os prejuízos possivelmente advindos de sua leitura. Segundo esta linha de criticidade, a literatura adulta seria considerada o gênero principal, maior, e a infantil um gênero menor, subalterno e por vezes até nocivo.

A resposta de Lewis (2018) a essas críticas, no caso especial da literatura fantástica, tem três elementos:

1. É um erro usar alguma noção de “adulto” como um pano de fundo a partir do qual estabelecer uma ideia do que seja a “criança”.
2. É preciso sofisticar a noção de crescimento para envolver modificação acumulativa e ampliação da experiência ocorrida com o leitor.
3. A conexão entre infância e fantasia (ou contos de fadas) não é necessária e sim accidental. Não existe um assunto ou gênero literário específico da infância.

Destas três proposições, o presente estudo espera deter-se na segunda, na forma da seguinte pergunta: *Como a noção de crescimento pode participar de uma reflexão crítica sobre o valor da literatura para crianças, sem com isso desvirtuar a natureza própria da literatura?*

Ao defender a literatura – especialmente os contos de fadas – Lewis recorre a um argumento baseado numa reconsideração crítica das fronteiras entre criança e adulto. O conceito de crescimento é acionado para fundamentar o argumento em defesa da experiência literária que o leitor infantil tem. Uma visão compreensiva do crescimento estaria, para Lewis, mais preocupada com o desenvolvimento de novas habilidades, preferências e hábitos do que com o abandono de habilidades e preferências anteriores. Lewis afirma: “desfruto dos contos de fadas melhor do que o fiz na infância: por estar agora em condições de contribuir mais, é claro que eu extraio mais” (LEWIS, 2018, p. 76). Aqui parece residir uma sofisticada concepção do crescimento e do desenvolvimento, que fundamenta toda a reflexão de Lewis sobre a literatura para crianças e a literatura fantástica em geral.

Crescimento é um processo acumulativo, que redefine o significado das experiências anteriores, e incorpora mudança qualitativa ou emergência de novas noções, objetivos, preferências e significados. Por isso o Lewis adulto pode desfrutar mais e não menos dos contos de fadas: seu crescimento é uma ampliação, não uma superação de possibilidades da experiência. Sendo um processo fluído, não pode ser facilmente decomposto em etapas bem definidas. Sendo subjetivo e individual, não pode gerar padrões válidos para todas as pessoas. Esta concepção de crescimento como enriquecimento tende a desencorajar o estabelecimento de fronteiras nítidas entre a literatura infantil e adulta, justamente porque tais fronteiras geralmente são expressões de interesses comerciais ou preconceitos morais.

Lewis (2018) está desenvolvendo uma reflexão que questiona os fundamentos da crítica literária dirigida a obras infantis. Sua proposta se baseia na intenção explícita de rejeitar distinções fixas entre literatura adulta e infantil. Com isso, abre a possibilidade de se discutir e avaliar o valor da literatura infantil a partir de outro fundamento: uma concepção inclusiva e dinâmica do crescimento ou desenvolvimento.

O conceito principal desta reflexão é justamente o conceito de crescimento. É preciso, a partir daqui, discutir a questão do valor da literatura infantil a partir de uma teoria relevante do crescimento, que possa acrescentar profundidade e precisão teórica às intuições originais e engenhosas de Lewis. Para promover esta discussão, o presente estudo volta-se sobre o pensamento do filósofo e educador John Dewey. A concepção deweyana do crescimento, assim compreendida, pode ser considerada um instrumento da crítica da informação literária para crianças.

Em sua obra *Democracia e Educação*, inicialmente publicada em 1916, Dewey dedica o quarto capítulo a uma teoria do crescimento enriquecida com elementos que permitem ser ela posta em diálogo com as ideias que Lewis desenvolve, quando este último discute o valor

da literatura infantil. A definição com a qual Dewey abre este capítulo afirma que: “Este movimento cumulativo da ação em direção a um resultado posterior é o que queremos dizer por crescimento” (DEWEY, 2008, p. 46). Portanto, o termo “crescimento” refere-se a um processo que se manifesta na vida ativa do indivíduo, sempre com características cumulativas. Crescimento envolve incorporar novas formas de ação, novas características, ao mesmo tempo em que o indivíduo retém totalmente, ou parcialmente, traços das formas de ação e das características antigas. Para Dewey (2008), o crescimento tem como sua condição principal a *imaturidade*. Esta noção é chave para o sentido original e para o potencial explicativo da teoria deweyana do crescimento.

O autor critica o emprego do termo “imaturidade” para se referir a mera carência, indicativa do hiato entre o indivíduo maduro e o imaturo. Para compreender a natureza do crescimento, Dewey propõe que a imaturidade seja entendida como uma capacidade, uma potência ou plenitude, ao invés do sentido negativo que se associa ao termo na tradição. “Pois também queremos dizer por capacidade uma habilidade, um poder; e por potencialidade uma potência, uma força” (DEWEY, 2008, p. 46). Esta inversão de raciocínio permite que se possa empregar “imaturidade” para se referir a um estado ou a uma qualidade positiva e plena. Permite especialmente empregar “imaturo” para se referir ao indivíduo que está em condição de crescer e se desenvolver.

Oportunamente, Dewey utiliza o termo “imaturo” ao invés de “criança”. Segundo sua definição, ele considera “imaturidade uma força positiva ou habilidade, - o *poder* para crescer” (DEWEY, 2008, p. 47). Esta tonalidade positiva da imaturidade é o traço característico do processo de crescimento. Crescer, conforme Dewey, não significa preencher uma lacuna, nem se dirigir a um resultado definido e fixo. O indivíduo adulto, portanto, não pode ser corretamente tomado como padrão daquilo que falta na criança, pois, mesmo na idade adulta a potência para novos crescimentos e desenvolvimentos é indicativa de certo grau de imaturidade.

Lewis parece se encaminhar numa direção similar à de Dewey quanto a este ponto, quando se queixa de que “o mundo crítico moderno usa ‘adulto’ como um termo de aprovação. É hostil ao que chama de ‘nostalgia’ e desdenhoso do que chama de ‘Panteísmo Peter’ [*Peter Pantheism*]” (LEWIS, 2018, p. 74, grifo do autor). Lewis parece admitir que um adulto pode manifestar imaturidade, como condição de crescimento, em diversas partes de sua ação e de seus pensamentos. Portanto, uma história bem escrita pode ter valor para um adulto, mesmo que seu autor a tenha escrito pensando na criança como seu leitor ideal.

O contrário também pode muito bem acontecer: O autor pode eleger o adulto como leitor ideal, mas a história ter valor para a criança. A leitura literária, dotada de valor para um leitor, portanto, é aquela que tanto se realiza em harmonia com seu grau de imaturidade, quanto – e mais importante – estimula o intelecto e a sensibilidade na direção do crescimento. Leitura de valor é uma ocasião de crescimento e enriquecimento. A imaturidade é, geralmente, maior na criança e menor no adulto. Mas ela não é, conforme Dewey, um traço indesejável e sim uma parte do processo constante de crescimento da vida individual e social. Por isso Lewis condena a posição de subalternidade em que as obras do gosto infantil costumam ser colocadas.

A experiência do leitor imaturo não pode ser julgada pelos termos do leitor maduro. Aqui parece residir a dificuldade quanto à crítica do valor das obras que se destinam à leitura literária dos imaturos: usam-se critérios do leitor adulto para refletir sobre a experiência do leitor imaturo. Esta dificuldade pode ser melhor considerada a partir de um conceito positivo de imaturidade. A partir deste conceito, as dicotomias entre criança e adulto dão lugar a um fluxo contínuo e gradual de crescimento. Categorias fixas como “criança” e “infância” são substituídas por processos de continuidade, atenuando choques e conflitos causados pela rigidez das antigas categorias.

2 ANÁLISE

Dewey, em sua reflexão, descreve os “dois principais traços da imaturidade, dependência e plasticidade” (DEWEY, 2008, p. 47). A dependência é o traço social e comunicativo da imaturidade. Define-se pela capacidade do indivíduo de estabelecer laços com os outros, a fim de compartilhar suas experiências e satisfazer suas necessidades. Assim, a dependência habilita os indivíduos imaturos com o que Dewey chama de “equipamento de primeira ordem para o intercuro social” (DEWEY, 2008, p. 48). Já a plasticidade é o traço individual e comportamental da imaturidade. “Esta significa poder de modificar ações com base nos resultados de experiências anteriores” (DEWEY, 2008, p. 49). Deste modo, a plasticidade habilita o indivíduo a modificar seu comportamento reagindo a mudanças no ambiente, de modo a controlar a própria aprendizagem.

A teoria deweyana do crescimento já foi discutida no campo da BCI, especialmente em relação à competência em informação, por causa de sua relação com as noções de “aprender a aprender” e “aprendizado ao longo da vida”, que são comumente empregadas nas discussões deste campo. Dudziak (2003), Gasque (2010) e Mata e Casarin (2010) fazem

expressamente uso destas concepções em seu discurso. Matos e Ferreira (2016) discutem, em seu artigo, a versão deweyana das ideias de “aprender a aprender” e “aprendizado ao longo da vida”:

É um requisito da pessoa letrada em informação que ela manifeste tanto a dependência quanto a plasticidade. Somente segundo tal manutenção da imaturidade, resolvida em termos da dependência e da plasticidade, pode uma pessoa se habilitar ao ‘aprendizado ao longo da vida’ (*lifelong learning*), que os teóricos do letramento informacional costumam mencionar (MATOS; FERREIRA, 2016, p. 36).

Estas reflexões aproximam a teoria deweyana do crescimento - tal como aqui é interpretada – das discussões no campo da BCI, visando à formação de um leitor competente, que possa usufruir de forma plena e significativa de suas leituras. Interessante notar que em toda a sua explicação do crescimento, Dewey menciona a imaturidade, mas não se compromete com a noção de “infância”.

Este pequeno cuidado na terminologia abre grandes possibilidades, na medida em que permite evitar toda a carga cultural acumulada em torno das noções de criança e infância, limitando-se a falar de indivíduos imaturos e, mais especificamente no caso da literatura, do leitor imaturo. O argumento do presente artigo se baseia justamente nesta operação terminológica: ao invés de tomar “criança” ou “infância” como os conceitos fundamentais para a reflexão crítica da literatura infantil, toma-se “imaturidade” e “crescimento” como seus fundamentos. A crítica resultante, seja dirigida a este ou aquele conjunto de realizações literárias, incorpora a teoria do crescimento como um processo acumulativo de enriquecimento da experiência. Parece ser esta a forma adequada de interpretar as ideias do próprio Lewis, quando este fala do “encontro adequado entre homem e criança como personalidades independentes” (LEWIS, 2018, p. 89). A própria comunicação estabelecida entre o autor e o leitor é considerada ocasião de crescimento.

A adoção de um sentido positivo para “imaturo” permite que o termo possa ser usado no lugar de “criança”, quando se pensa nos leitores da chamada literatura infantil, que interessa a Lewis. É neste sentido que ele emprega expressões “mente não treinada”, ou “leitor inexperiente” (LEWIS, 2018, p. 51). Lewis pretende ser bastante flexível e inclusivo a respeito das obras que se destinam à leitura literária do leitor imaturo. Por isso Lewis afirma: “Estou quase inclinado a estabelecer como parte do cânone que uma história infantil que é apreciada apenas por crianças é uma história infantil ruim” (LEWIS, 2018, p. 74). Segundo sua concepção, a mera existência de obras exclusivas para crianças é questionável e a

apreciação adequada de seu valor, nos termos de uma distinção formal e fixa entre adulto e criança, é impossível e desinteressante.

Lewis reitera este princípio mais adiante no mesmo livro, nos termos de que “um livro que vale a pena ser lido apenas na infância não vale a pena ser lido” (LEWIS, 2018, p. 94). O critério para avaliar o valor das obras literárias, em acordo com a proposta de Lewis, precisa incorporar uma noção compreensiva do crescimento. Adotar uma visão acumulativa e inclusiva para o crescimento implica numa série de consequências relevantes, conforme o argumento aqui apresentado: O adulto não deve ser considerado o ponto final do crescimento, visto que possibilidades de crescimento se manifestam ao longo de toda a vida. Assim sendo, também não é preciso dar conta de uma teoria da infância para falar do cultivo do gosto e do valor da literatura.

No lugar de infância, se passaria a falar sobre graus de imaturidade - ou inexperiência - como uma qualidade positiva, como uma potência, e não como uma carência ou limitação dos indivíduos nesta condição. Assim, a crítica literária partiria, não de algum conceito pré-determinado de criança, mas da atribuição de imaturidade ao leitor. As iniciativas relacionadas com o estímulo da leitura para o leitor imaturo, não teriam mais que se debater com a questão de se uma obra é infantil ou não, ou se tem valor de acordo com as demandas desta ou daquela ideia de criança.

Hunt, em seu livro *Crítica, teoria e literatura infantil* (2010) aponta para o problema relacionado com as noções de infância que fomentam a crítica literária:

A infância tem sido concebida pelas sociedades como um estado que pode ser manipulado (outra razão para seu baixo status), ou pelos românticos como um estado puro, ou pelos psicólogos como uma série de estados de desenvolvimento (HUNT, 2010, p. 291).

Essa visão hierárquica, em que a infância ocupa uma posição subalterna, possui repercussão na crítica das obras infantis. As dificuldades da ideia de infância são transmitidas como dificuldades para uma crítica da literatura infantil. Por opção, Hunt fala de “textos para crianças”, no lugar de “literatura infantil”. O autor procura oportunamente definir a noção de texto e a noção de criança. Hunt menciona, ainda, os “leitores inexperientes” (HUNT, 2010, p. 289) como faz Lewis (2018).

A reflexão de Hunt sobre a ideia de infância espelha muito bem o tipo de problema que o conceito traz para a discussão sobre a leitura e a literatura. “Criança” é um termo muito amplo e por isso a ambiguidade é uma dificuldade adicional a ser enfrentada por quem faz uso desse conceito. “De fato, a própria condição de ‘literatura infantil’ reflete uma sociedade de adultos ansiosos por rejeitar, ou deixar de lado, a infância” (HUNT, 2010, p. 291). Este ponto

de vista de Hunt indica que “não se pode esquecer o fato de que o conceito de criança é um problema sempre presente para a crítica da literatura infantil” (HUNT, 2010, p. 291). Acionar o conceito de “imaturo” nos termos da imaturidade como potência para o crescimento, seguindo a proposta de Dewey, parece ser uma forma de evitar essas dificuldades, e ainda obter a vantagem adicional de uma teoria compreensiva e inclusiva do crescimento, tanto como um processo contínuo da experiência humana - individual e social - quanto como um valor ou objetivo a ser considerado na apreciação crítica da literatura.

A questão fundamental para as iniciativas que dependem de uma apreciação crítica da literatura infantil pode, com base nesta proposta, passar a indagar sobre a forma como certas leituras contribuem para o crescimento, ou enriquecimento da experiência do leitor. A palavra “experiência” sendo tomada aqui em sentido amplo, como experiência estética, mas também como experiência educativa e social. Considerar o crescimento como um valor pressupõe que a crítica literária, de obras dirigidas ao público imaturo, deve se guiar pelo critério segundo o qual certas leituras promovem ou inibem o crescimento, mediante a experiência literária dos leitores.

Em um único parágrafo, de pouco mais de uma página, Lewis (2018, p. 76) usa a palavra “crescimento” doze vezes. Ele está formulando, de forma breve, uma teoria do crescimento que permita compreender o gosto por histórias infantis e a natureza especial de tais histórias. De forma semelhante a Dewey, Lewis afirma o elemento cumulativo do crescimento quando fornece como exemplo o fato de que, ao longo de sua vida pessoal, gostava de limonada na infância e adulto passou a gostar também de vinho do Reno. Afirma ele: “se eu tivesse que perder o gosto por limonada antes de adquirir o gosto pelo vinho do Reno, isso não seria um crescimento, mas simples mudança” (LEWIS, 2018, p. 75). O autor explica: “Eu chamo isso de crescimento ou desenvolvimento, porque fui enriquecido” (LEWIS, 2018, p. 75). É este processo de enriquecimento das possibilidades de experiência, de ampliação do horizonte das possibilidades para um indivíduo, que Lewis parece chamar de crescimento.

Admita-se que as pessoas se encontrem em estágios diversos de crescimento, mas que não há um padrão uniforme de crescimento, pelo qual avaliar todas as pessoas. A mesma coisa com a literatura e as leituras: não existe um padrão pelo qual avaliar qual leitura é recomendada para qual leitor, em vista do propósito desejável de contribuir para seu crescimento. Cada leitura e cada leitor precisam ser considerados em sua situação particular. A crítica pode dar conta desta particularidade, na medida em que opera a partir da ideia de

imaturidade como condição do crescimento, na medida em que toma o crescimento como um objetivo desejável e um valor a ser promovido.

3 CONCLUSÃO

Dewey elaborou sua teoria do crescimento a fim de dela extrair duas importantes consequências para o pensamento educacional, que são:

- (i) que o processo educacional não possui fim além de si mesmo; ele é seu próprio fim; e que (ii) o processo educacional é uma contínua reorganização, reconstrução, transformação (DEWEY, 2008, p. 54).

O crescimento tem como finalidade o próprio crescimento, o crescimento é constante e não tem um ponto final. Estas máximas possuem profunda significação em sua teoria da educação, na medida em que se estabelece que a democracia é a forma de vida social que melhor assegura o crescimento da experiência compartilhada, em todas as suas manifestações.

Contudo, justamente pelo seu forte ingrediente educacional, esta noção do crescimento precisa ser tratada com rigor e cuidado, quando é transportada para a discussão sobre a literatura destinada ao leitor imaturo. Alguém, refletindo acerca da questão do valor desta literatura, poderia levantar as objeções de que a teoria do crescimento de Dewey conduziria a literatura infantil na direção do pedagogismo, assim como desconsideraria a qualidade essencialmente estética da leitura literária. É preciso responder a estas objeções, para que se possa sustentar a aproximação das noções de crescimento de Dewey e de Lewis, em vistas a fornecer fundamentos para a consideração do valor da literatura infantil.

Sobre a preservação da qualidade estética na literatura, deve-se recordar as linhas gerais da teoria estética do próprio Dewey. Em sua obra *Arte como experiência*, o capítulo de abertura, intitulado “A criatura viva” é dedicado a mostrar como o caráter estético, próprio das formas artísticas, está presente em diversos graus em todas as formas de experiência e vida cultural. Dewey propõe uma teoria estética que possa “recuperar a continuidade da experiência estética com os processos normais da vida” (Dewey, 1981, p. 532). O que isso quer dizer é que há uma propriedade estética em toda experiência, embora seu caso mais radical e evidente seja o da arte. Ao tratar do tema do crescimento, esta filosofia o faz em consonância com uma concepção estética que é construtiva, porque supõe um gradualismo em vez de uma repartição antagonica, entre a tonalidade estética de diversas atividades humanas.

Esse gradualismo, possibilita a Dewey afirmar que “o fazer diário das coisas cresce até esta forma de fazer que é genuinamente artística” (Dewey, 1981, p. 534). O estético está em

toda experiência em algum grau. A conclusão que se segue é que o crescimento provocado pela leitura literária tem repercussão em outros segmentos da vida do leitor. O campo da experiência compartilhada e reconstruída pela comunicação é, pelo que o argumento indica, o alvo mais promissor deste processo de crescimento. Esta é a qualidade pela qual a leitura literária é valorizada, antes de tudo. É por sua possibilidade de resultar em crescimento em diversas dimensões da vida, a partir de seu caráter estético ou de *literariedade*, que a leitura literária é incentivada nos leitores imaturos. É por essa possibilidade que, finalmente, a leitura literária é alvo das iniciativas teóricas e práticas no campo da BCI.

REFERÊNCIAS

CALDIN, Clarice. A função social da leitura da literatura infantil. **Enc. Bibli. R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. 15, p. 47-58, 1º sem. 2003.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna. 2000.

D'ÁVILA; CALDIN. Breve histórico da literatura infantil brasileira. **Pesq. Bras. em Ci. da Inf. e Bib.**, João Pessoa, v. 14, n. 2, p. 245-258, 2019.

DEWEY, John. **Democracy and education: complete works of John Dewey: the middle works 1889-1924: V. 9: 1916**. Carbondale: Southern Illinois University Press, 2008.

DEWEY, John. The Live Creature. In: Mc DERMOTT (Ed.). **The Philosophy of John Dewey**. Chicago: University of Chicago Press. 1981.

DUDZIAK, Elisabeth A. *Information literacy: princípios, filosofia e prática*. **Ciência da Informação**, v. 32, n. 1, p.23-35, jan./abr. 2003.

GASQUE, Kelley Cristine G. D. Arcabouço conceitual do letramento informacional. **Ciência da Informação**, v. 39, n. 3, p.83-92, set./dez. 2010.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify. 2010.

LEWIS, C. S. **Sobre Histórias**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil. 2018.

MATA, M. da; CASARIN, P. A formação do bibliotecário e a competência informacional: um olhar através das competências. In: VALENTIM, M. (Org.). **Gestão, mediação e uso da informação**. São Paulo: UNESP, Cultura Acadêmica. 2010.

MATOS; FERREIRA. A filosofia de Dewey e o letramento informacional: pensamento reflexivo e crescimento na conquista do 'aprender a aprender'. **Ci. Inf.**, v.45 n.1, p.25-40, jan./abr. 2016.

DEWEY AND LEWIS - THE NOTION OF GROWTH AND THE VALUE OF LITERARY EXPERIENCE FOR CHILDREN

Abstract: The article discusses the theme of the fundamentals of criticism of children's literature, in the thought of C. S. Lewis. It highlights the idea of growth, used by Lewis to support his criticism. It identifies the need for theoretical foundation for research initiatives and promotion of reading in the field of library and information science. It uses John Dewey's growth theory to propose the substitution of "immaturity" for "child" and "childhood" ideas in the specialized discussion about children's literary reading. It relates Lewis and Dewey's ideas about growth and points to the potential of literary reading in integrating the various modalities of experience, promoting the growth of shared experience.

Keywords: C. S. Lewis, John Dewey, children's literature, growth, library.